

“EM BAIXO DA ARVORE, A VERDADE É NUA E CRUA”: NARRATIVAS E ARTES DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA DA CIDADE DE ALAGOINHAS (BA) COMO “ESCRITA DE SI”

Ariel Dantas Barbosa¹

Resumo: Trata-se de uma reflexão sobre os modos de produção artística, cultural e subjetiva de pessoas em situação de rua de Alagoinhas-BA. Buscamos observar como estes sujeitos se reinventam cotidianamente, que estratégias usam nesse sentido, como a arte que produzem, seja através da música, do artesanato, da escrita de textos etc., contribui para a sua estética da existência. Pretendemos também, sob a perspectiva da edição de textos, através do laboratório denominado Fábrica de letras, pensar a exclusão dessas narrativas de um circuito comercial ou mesmo escolar, ao tempo em que procuraremos editar uma coletânea desse material, como mais uma fonte de conhecimento, via produção alternativa e solidária. Para esse momento objetivamos apresentar, como resultados parciais, as reflexões teóricas e alguns traços da pesquisa de campo. Para tanto nos debruçaremos em textos de autores como: Foucault (1996), Hall (2003), Deleuze (1996) Guattari e Rolnik (1996), Moreira (2016), Klinger (2006), Arfuch (2010), Benjamin (1995) Jessé Souza (2015), Batista (2016), Santiago (1998), Vega (2016) Nietzsche (2007) dentre outros que tratam de forma discursiva, identidade, cultura, subjetividade, pessoas em situação de Rua. Também levaremos em conta, as imagens discursivas, primeiras narrativas, ou conversas informais que obtivemos dessas pessoas através do encontro que estamos tendo com essas pessoas. É possível perceber como a teoria se faz presente na prática de vida dessas pessoas, principalmente quando trata-se das relações de poder e saber, os processos de exclusão e de como a arte nesse contexto se apresenta como escrita de si que envolve suas identidades e subjetividades, contendo nelas toda uma trajetória de vida. Somos levados a perceber que a arte dessas pessoas em situação de rua da cidade de Alagoinhas-BA reflete não só uma potência de linguagem, mas a desconstrução e reconstrução de um eu que resiste nesse contexto fragilizado. Assim, a escrita de si, as histórias de vida que recorre as artes apresentam-se nesse trabalho de maneira impetuosa, como uma estratégia de (re)significação desses sujeitos.

Palavras-chave: População de rua. Escrita de si. Narrativa. Artes.

*Em baixo da a Arvore ,
A verdade é nua e crua,
A vida cheia de altos e baixos
Porém é preciso saber viver
Tem coisas na vida que é passageira
Mas tem que saber a vida viver*

(Antônio, morador de rua da cidade de Alagoinhas.)

A poesia de Seu Antônio² nos dois primeiros estrofes, reflete o lugar de onde ele e seu grupo fala, de baixo de uma árvore, um pé de mangueira, com sua esposa, seu genro e seu entido. Seu Antônio como muitos na sua condição de situação de rua³ saiu de casa para trabalhar e nunca mais retornou ao seu lar, passando por diversas dificuldades que os fizeram ir até as ruas, uma situação complicada, vivenciada não só por ele, mas por muitos que também

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa letramento, identidade e formação de professores. Orientador: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Endereço eletrônico Arieldanttas@hotmail.com

² Nome Fictício, de acordo com a norma técnica exigida pelo conselho.

³ Nesta dissertação optamos pelo termo “População em situação de rua” por trazer uma representação discursiva de estado transitório, momentâneo, que envolve fatores sociais e econômicos dentre outros como nos salienta (Batista, 2011). Sendo assim defendemos a ideia de que ele não mora na rua, ele está “vivendo uma situação de rua”, que nos leva a acreditar que esse sujeito pode novamente ser (re)inserido noutras redes, que o tire da sua situação atual.

vivem na e da rua. Historiando o fenômeno população em situação de rua, segundo Costa (2016) surgiu logo após as sociedades pré-industriais da Europa. Nesse cenário Global em que o capitalismo assumiu a ordem econômica, no século XVIII, gerindo nova ordem de produção que segregou ainda mais as classes, os que não conseguiam ser absorvidos pelas forças capitalistas, nas quais estavam emersos, eram submetidos a pobreza, tornando-se mendigos ou ladrões. No Brasil o fenômeno compreende também um processo histórico de urbanização, industrialização nas décadas de 1960 e 1970 (VIERA, 2016).

O aumento dessa população então foi a partir da última década do século XX e o início do século XXI, onde o ajuste estrutural levou essas pessoas para as ruas. Os fatores que os levaram à esse ambiente no Brasil, assim como na Europa foi o processo de industrialização e urbanização, hoje, esse fenômeno está voltado a fatores “indeterminados”, mas que está fortemente ligado a desigualdade e a nossa sociedade capitalista, sendo as ruas palco de cenas corriqueiras em que essas pessoas vivem, invisibilizados não só pelos transeuntes mas pelo estado, a invisibilidade dos grandes que não enxergam os menores. E então ousamos a perguntar, quanto de nós ao passarmos por pessoas de trajés rasgados, roupas esfarrapadas, cabelos grandes, mal feitos, não desviamos e fazemos um julgamento sobre aquele sujeito? Rotulando como bandido, vagabundo ou coitado? Poucos não se depararam com um desses sentimentos. Escutar essas narrativas como histórias de vida, narrativas como escritas de si que recorre as artes como, pinturas, poesia, crochês, é exerga-los de maneira contrária a todo estereótipo que criamos sobre essas pessoas, uma revisão de um olhar consensual que é lançado sobre esse público. Venho analisando ao longo da minha pesquisa que desde a graduação e se estende agora na Pós-graduação que há muito por trás das ideias simplistas que criamos sobre essas pessoas, acreditando que estão ali por seu mero desejo de está, excluindo as suas vozes em decorrência do achismo que circula sob a égide dessas vidas.

A pesquisa tem-se pautado no seguinte questionamento, de como a arte e vida se relacionam nas narrativas de pessoas em situação de rua, que envolve a escrita de si, subjetividade. Compreender as experiências de vida de pessoas que estão em situação de rua é objetivo central deste trabalho, assim também como compreender que sentido existe para aquela pessoa a sua arte e de que maneira ela contribui para seu (re) significado da sua existência como uma escrita de si que recorre as artes como já supracitado.

Para isso, foi preciso primeiro localizar um grupo específico que morasse na rua, tendo como ponto de partida dois grupos diferentes, já que nem todos que vivem em situação de rua fazem arte, e não sendo de primeiro momento o nosso objetivo de fazer oficinas que induzam os mesmos a fazerem. Desta forma foram encontrados essas pessoas em duas localidades, um grupo no estádio do carneirão, localizado no bairro petrolar, outro em um terreno baldio atrás do

banco da caixa econômica, localizado no centro da cidade, as pesquisas estão sendo feitas nesses locais, *in loccus*. mas para isso, primeiro foi e estão sendo feitas pesquisas bibliográficas selecionando os teóricos e teorias para melhor compreensão do tema, fazendo também uma busca sobre os estudos já realizados na Bahia e no Brasil para analisarmos as obras com as quais nossos estudos farão um rizoma, fazendo com que passem intensidade (DELEUZE, GUATTARI, 1995).

Circunscrevendo-nos ao estudo sobre subalternidade, pessoas em situação de rua, autobiografia, narrativas, escrita de si, subjetividade, será necessário selecionar estudos já feitos na área. Sobre os sujeitos de nossa pesquisa, é preciso conhecer suas estratégias, seus modos de viver e operar, suas características, pretendendo compreender esses fenômenos, nos quais se inserem ou caracterizam o espaço hostil, composto por objetos reciclados, alimentação precária e o uso de substâncias psicoativas. Para a inserção no campo, objetiva-se a relação interdisciplinar entre técnicas etnográficas, antropologia visual, e o método de história oral para compreender a história de vida desses sujeitos. Convém destacar que nessa dissertação, nosso objeto compreende a arte da existência, as histórias de vida, como principal objeto, que configurem narrativas do “eu” dessas pessoas, sendo a (auto)biografia, portanto, o método que mais se aproxima do objetivo do trabalho. Sendo assim, o objetivo central é explorar de que forma essas narrativas destes sujeitos e arte “conversam” entre si, enfatizando a relação entre sujeito, subjetividade e escrita de si, analisando essa tríplice relação do sujeito.

Concordamos com Souza (2006) quando ele nos diz que a (auto) biografia é um método de investigação valioso, somente ela é capaz de se referir à construção da subjetividade, por expressar um conjunto de significados construídos pelo sujeito. De acordo com o autor, “a disposição para narrar é inerente a natureza humana, e está ligada a necessidade de conversar a experiência, imprimir ordem, estabelecer vínculos casuais entre os eventos vividos, de qualquer modo o si confere a sensação de controle” (SOUZA, 2006, p. 272). Analisando por uma linha Foucaultiana, estabelece-se no ato narrativo a relação de poder sobre sua vida, que nos expressa como indivíduos de forma natural.

Percebe-se que a arte nesse ambiente, apresenta-se como um espaço ainda mais subjetivo e também movediço, mas também de grande importância, em estreita ligação com as histórias de vida, que já estamos tendo contato. Algumas artes já foram coletadas através de uma pequena investigação, mas ainda não estudada sob a perspectiva que pretendo adotar por estarmos ainda amadurecendo a pesquisa. Dessa forma, a discussão que realizaremos nesse trabalho será mais de cunho teórico, buscando um aprofundamento necessário, discutindo, portanto, através de alguns autores, dentre eles, Foucault (1996), Hall (2003), Deleuze (1996) Guattari e Rolnik (1996), Moreira (2016), Klinger (2006), Arfuch (2010), Benjamin (1995) Jessé

Souza (2015), Batista (2016), Santiago (1998), Vega (2016) Nietzsche (2007) entre outros, temas como ordens discursivas, identidade, subjetividade em meio ao capitalismo, subalternidade e escrita de si etc. que nos auxiliará futuramente para a pesquisa de campo.

O LADO CONTRÁRIO DA HISTÓRIA: NARRATIVAS E ARTE DA (RE) EXISTÊNCIAS DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.

Como já salientado, existem diversos estereótipos que são criados sob essa população, a marginalização da sua existência, o uso de drogas e a sua cor de pele fazem que sintamos medo da presença dessas pessoas, deixando-as de um lado da história impossibilitando poder ouvir suas narrativas, sendo eles fruto de exclusão não só pessoais como Governamentais. Desta forma o presente artigo visa mostrar o outro lado da história, que recorre as narrativas e as artes, possibilitando compreender esse indivíduo de forma diferente do que imaginamos.

A escrita de si parte de uma teoria elaborada por Klinger (2006) em que trata-se de narrativas autobiográficas ou biográficas que recontam suas histórias, a autora nos diz que a escrita de si é um “sintoma” da época atual. O fato de muitos romances contemporâneos se voltarem para a própria experiência do autor não parece destoar de uma sociedade marcada pela exaltação do sujeito. Uma sociedade na qual a mídia tem insistido na visibilidade do privado, na espetacularização da intimidade e na exploração da lógica da celebridade. O que existe é um sistema que favorece esses “novos” métodos, usados também como interesse mercadológico, mas situa-se também em discursos filosóficos, sociais, literários.

A escrita de si, não representa somente uma pessoa ao qual está falando, mas toda uma comunidade, que se faz naquela narrativa. “A escrita de si, não se apresenta sob marca da memória da classe, mas aparece como indagação de um eu que, a princípio parece ligado ao narcisismo midiático contemporâneo. A própria vida está imersa numa trama de relações sociais e todo relato Autobiográfico remete a um para além de si mesmo. Porque não se pode pensar em um eu fora da sua caixa, tudo está interligado com o ambiente ao qual se vive a comunidade (KLINGER 2016). Quando pensamos nos relatos, nas artes é exatamente na possibilidade de expressão daquilo que não consegue ser revelado só na escrita, em que só a expressão de falar é capaz de realizar, com pessoas em situação de rua acontece semelhante.

A abaixo vamos pegar dois exemplos diferentes um será um poema, outro um pintura das mesma pessoa, junto a essas obras virá sua narrativa, para que possamos demonstrar de como a teoria se faz latente na prática e vivência dessas pessoas. O autor das obras que virão é um jovem de 19 anos, que vive na rua a um ano, recém-saído da prisão, relata ter visto “*coisas do cão*” que o faz não querer retornar lá, (re) existência me recebe todas as quartas feiras, dia da minha visita com um sorriso enorme, dono de um talento com pinturas maravilhoso, re existência também

escreve seus *hip-hop* que relatam sua vida, e sua existência, vocês devem estar se perguntando, mas porque esse nome? (re) existência me lembra força, e quando eu olho e vejo tudo que ele faz é essa impressão que ele me traz, de um sujeito que não quer apagar o passado mas (re) significar o presente através da sua vida, que agora é nova e fora da cadeia, a baixo seu primeiro *hip Hop*, que conta sua impressão de esta e viver na rua,

Aqui na rua, podemos ser reconhecido como nada,
Mas temos cônica
ninguém é melhor que ninguém e a humildade prevalece.
Refrão: A cima de mim, só Deus e a baixo só o chão 2X
E se um dia a luz da nossa amizade apagar,
foda-se. a gente a acende uma vela
E aprenda meu irmão
Não viva que sua sua presença seja notada
mas sim sua falta seja sentida e lembre meu irmão
A cima de mim, só Deus e a baixo só o chão 2X
Autor: (Re) existência

Nesse pequeno trecho de *Hip-Hop* que (re) existência escreve nos diz no primeiro estrofe sobre como é o reconhecimento dele, a impressão que ele tem, mas que fala por todos que vivem da mesma situação “*aqui na rua podemos ser reconhecido como nada*” logo em seguida ele diz que “*ninguém é melhor que ninguém e que a humildade prevalece*” esse segundo estrofe denota a sua maneira de compreender o mundo, de que a gente precisa ser humilde para chegar a Deus e de que mesmo vivendo nessa situação são iguais as outras criaturas, utilizando-se sempre do espiritualidade “Deus” para silenciar o seu sofrimento trazido no primeiro estrofe dizendo sempre que “*a cima de mim só Deus, e a baixo só o chão*”.

Somos marcas do que vivemos, mas do que corpos cheios de signos, subjetividades, sobrevivendo com suas dores e alegrias. “o relato é sempre vivencia do vivido e todo testemunho tem uma lacuna” (SOUZA, 2011, p. 13.) essa lacuna é sempre uma válvula de escape como nos trás Souza, na obra a cima presenciamos então Deus e a Humildade como essa válvula que acomoda e dar forças, Deus como ser supremo, salvador e a humildade é o caminho para a chegada até ele por isso “ninguém é melhor que ninguém e a humildade prevalece, a cima de mim só Deus, e a baixo só o chão” se não és humilde não será salvo.

O exercício de análise compreende uma nova produção de sentido que está sendo construído a partir das experiências dessas pessoas que moram nas ruas. Compreender essas experiências através das narrativas e das artes permite que outras pessoas produzam conhecimentos mútuos sobre si e sobre o outro das suas realidades, se apartando desse lugar resignado de vulnerabilidade que o senso comum os coloca apresentando-os novos panoramas psicossociais.

A FORÇA DE UM SAMURAI PARA (RE) EXISTÊNCIA

Como já falado, (Re) existência desenha muito bem, segundo ele, é o que ele sabe fazer de melhor, aprendeu na escola, disse que não fazia nada na escola, só desenhava, seu caderno só tinha desenhos, nessa ida ao encontro do grupo pedir para que ele fizesse um desenho e ele fez, um samurai, um desenho mitológico, curioso perguntei, porque esse desenho?, ele me indagou

“você trabalha na área de psicológico, que já até deu para perceber, porque a gente já ver logo, sabe porque, porque se fosse para trabalhar para psicólogo eu conheço quando é psicólogo porque já vai entrando na mente da pessoa, antes de você falar já vai entrando no seu psicológico, mas você trabalha com cultura né, mas samurai representa força Ariel, e para viver como a gente vive sabe vey, a gente tem que ter força, primeiramente em Deus, depois na gente e é isso, por isso eu fiz um samurai, pode levar, eu fiz para você sacana”. (SIC)



Figura 1. Desenho de (re)existência

O Samurai como falado por ele representa essa força que é preciso ter para viver da forma em que ele vive, logo no início da narrativa, ele fica com medo, achando que iria “entra” na mente dele, depois de mais um longo papo, é porque onde ele ficou preso havia um psicólogo ao qual ele era atendido e que segundo ele mexia muito com ele.

Segundo Klinger (2016), Sabe-se ou investiga a vida do autor pelas obras, vidas que nelas contem. É possível perceber que ela sempre fala da relação entre arte e vida como estratégia biográfica, ambos estão entrelaçados. Souza (2011) também nos afirma que há uma linha reta que liga, arte e vida como um encaixe que funciona de maneira simuntânea como continuação e marca de sua existência. A relação oblíqua entre arte e vida é passível de intervenção entre as duas instancias, sem o traseiro biográfico se defina pela interpretação textual, baseadas em relações fáceis e superficiais, Klinger discute junto a Foucault que a escrita de sí é o que constitui o próprio sujeito, criando sua noção de individuo, em outro momento é preciso discutir a hipótese especialmente por Hall Foster, em que há na arte um retomada do autor, e quando isso acontece existe uma crítica filosófica da noção de sujeito. “A escrita de sí, contribui especificamente para a formação de si” (KLINGER, 2016. p. 26).

A relação oblíqua entre arte e vida é passível de intervenção entre as duas instancias, sem que o lastro biográfico se defina pela empiria e pela interpretação textual baseadas em soluções fáceis e superficiais. A preservação da liberdade poética da obra na reconstrução de perfis dos escritores reside no procedimento de mão dupla, ou seja, reunir o material poético ao biográfico, transformando a linguagem do cotidiano ao ato literário (SOUZA, 2011, p. 24).

Assim, ouvir essas vozes silenciadas e refletir sobre elas junto a suas artes de existência, é enfrentar um sistema que sempre oprimiu esses sujeitos dando-lhe lugar de utilidade. Arfuch (2010) em seu livro, *O espaço autobiográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*, nos diz que a autobiografia entra em contato com o “eu” que ainda não foi explorado e esse “eu” tem várias faces, cada história é íntima e particular, que se agitam no seu interior. É através da linguagem e só dela, que o sujeito se funda e apresenta seu “ego” assim como o exercício da subjetividade. O que está em jogo é o alcance dessas voz(es) que partilham de experiências semelhantes, fazendo assim narrativas do “eu” político. Assim, vamos sendo levados a perceber nas narrativas, nas artes, nas histórias de vidas de sujeitos em situação de rua em Alagoinhas (BA), a desconstrução e reconstrução de um eu que resiste. A forma como a linguagem se manifesta na rua, através da letras, dos textos, nos fazem (re)pensar esse sujeito num novo lugar de saber, de conhecimentos e de valores

(IN) CONCLUSÕES

Quando esse sujeito vai para as ruas, ele apaga uma memória que será esquecida pra da novas formas de outras memórias que devem ser substituídas por uma questão de sobrevivência,

criando novos saberes e sentidos de seus novos territórios assim como a reconstrução de si mesmo em sua dimensão humana.

É preciso ressaltar que a temática, pessoas em situação de rua ainda vêm sendo pouco discutidas nos mundos acadêmicos, o que nos impulsionam ainda mais para a discussão através de um novo olhar que não foge do cuidado, mas que potencializa sua existência a partir de um olhar mais amplo e singular, que é pensar a arte nesse contexto.

Com isso, também levamos também esse sujeito a pensar seu próprio posicionamento social enquanto cidadão, além da disseminação de uma nova ordem sobre esse público, através da sua produção. Os autores discutidos acima nos auxiliam e fomentam novos modos de “fazer diferente” que refletem em nós, enquanto pesquisadores, uma visão diferente de pensar esse sujeito. Sabemos desde já sobre as dificuldades dessa luta, “ou seja, nem a luta armada nem o conformismo lambe botas, pois se a luta armada investe necessariamente na destruição da vida, o conformismo anula o ser e sua potência de resistir e de criar” (SANTOS, 2016, p. 56.) Como argumenta o referido autor, as dificuldades dessas lutas continuam solicitando de nós visibilidade e não acomodação, acreditando que os problemas das classes menos favorecidas estão todas resolvidas.

A alavanca do subalterno é o não-resolvido, e é esse não resolvido, com o intuito de problematizá-lo, (re)pensar e auxiliar a questão, que nos impulsiona nesse trabalho. Contar suas histórias permitem a essas pessoas que elas expressem seus sentimentos, suas dores, suas angústias, frutos de suas histórias de vidas assim como um ato de reconstrução ao perceber-se na sua própria narrativa como um ato natural de transformações e re significação de um eu que é latente. Então, são modos de suas narrativas e produção que levam e direcionam a pensar esse sujeito enquanto seres sociais de potencias e de poder, construindo um novo sentido as suas histórias através das suas narrativas.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *O espaço Biográfico: Dilemas da subjetividades contemporânea*. EDURJ, 2010.
- BENJAMIN. V. *A Obra de Arte na sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo Editora Brasiliense, 1995. p. 165-197.
- COSTA, João. *Histórias de vida de pessoas em situação de rua da cidade de Natal\RN: Fotografias do trabalho em construção identitária individual*. 2016. 280.f.tese (doutorado em Linguística aplicada) Centro de Ciências Humanas, letras e artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. NATAL\RN.
- DELEUZE, Guilles, GUATTARI, Feliz. O que é uma literatura menor. In. *Kafka para uma literatura menor*. Lisboa. Editora Minuit 2002.
- DELEUZE.G; GUATTARI.F. *Mil platôs capitalismo e Esquizofrenia*. V edição. Rio de Janeiro. Editora 34, 1996. Volume3.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo. Ed. Edições Loyola, 2014.

- SANTIAGO, Silvano. Democratização no Brasil: 1979-1981 (Cultura versus Arte). In: *Declínio da Arte e Ascensão da Cultura*. Florianópolis: ABRALIC\Letras contemporâneas 1998, p. 11-23.
- SANTOS, O. M. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2016.
- SOUZA, C.E. *Auto biografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre/Salvador: Ed. Eduneb/Edipucrs. 2016.
- SOUZA, Eneida. *Ensaio de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- SOUZA, Eneida Maria de Máriowsald. In: CUNHA, Eneida Leal (Org.). *Leituras Críticas de Silvano Santiago*. Belo Horizonte. Editora UFMG; São Paulo: Perseu Abramo, 2008. p. 23-50.
- SOUZA, Ana. *Letramentos de reexistência: Cultura e identidades no movimento Hip-Hop*. (tese de doutorado) Programa de pós graduação em Linguística aplicada, UNICAMP, Campinas, 2009.
- HALL, Stuart. Da Diáspora identidades e mediações culturais. IN. *Notas sobre a desconstrução do "popular"*. Ed. UFMG. 2003.
- VEGA, Camila. *Escutar para enxergar: coconstruindo narrativas de pessoas com trajetória de rua*. (dissertação de mestrado) Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. 2006. 206 f. Tese (doutorado em Letras) Instituto de letras, Universidade do Rio de Janeiro, RJ.